



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS PARTICIPANTES NA SESSÃO PLENÁRIA
DA COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL**

*Palácio Apostólico de Castel Gandolfo
Terça-feira, 6 de Outubro de 1981*

1. Apraz-me o mais possível saudar-vos, membros da Comissão Teológica Internacional, em primeiro lugar o Presidente da mesma, Cardeal Franjo Seper, e os outros vogais da Sagrada Congregação para a doutrina da fé. Reunis-vos aqui de todos os continentes, de vários centros de cultura, das regiões de tantas línguas e de muitas matérias da ciência teológica. Em vós saúdo, por conseguinte, cada teólogo católico, onde quer que trabalhe pelo bem espiritual da Igreja.

2. O meu venerando Predecessor, o Sumo Pontífice Paulo VI, instituiu no ano de 1969 a Comissão Teológica Internacional, depois de os Padres do Sínodo extraordinário dos Bispos, celebrado dois anos antes, exprimirem este desejo. O encargo da Comissão consiste em "prestar auxílio à Santa Sé, especialmente... à Sagrada Congregação (para a Doutrina la Fé) e em ponderar as questões doutrinárias de maior importância" (cf. Estatutos da Comissão, em: *Acta Apostolicae Sedis* 61, 1969, 540, n. 1). Nestes dois quinquênios passados, a Comissão Teológica de muitos e vários modos cumpriu, feliz e utilmente, esse propósito, conforme consta de muitos documentos de grande importância até agora publicados. Como sei, foi prestado grande auxílio não só ao Romano Pontífice, à Sagrada Congregação para a doutrina da fé e a outros dicastérios da Cúria Romana, mas também às conferências dos Bispos e aos progressos da teologia. Tal ministério nestes tempos difíceis era absolutamente necessário para novas questões e para sentenças diversas e ajudou a que uma só fé numa só Igreja se alimentasse e fortificasse. Por isso, o encargo da Comissão Teológica aumenta sempre e repito as palavras da minha alocução no dia 16 do mês de Outubro do ano de 1979 aos membros desta Comissão: que a ela "muito a aprovamos e estimamos, e dela muito esperamos" (cf. *Acta Apostolicae Sedis* 71, 1979, 1429).

3. Neste encargo muito deveis servir e ser úteis à boa e frutuosa relação entre o Magistério e a teologia. Por isso seja-me lícito recordar aquilo que o ano passado, na viagem pastoral pela Alemanha, no dia 18 do mês de Novembro, disse aos professores de sagrada teologia em Altötting: "A teologia é uma ciência com todas as possibilidades do saber humano. É ela livre na aplicação dos seus métodos e análises. Com a mesma razão deve a teologia considerar a sua relação para com a fé da Igreja. Não é a nós que devemos a fé; ela está, antes, 'edificada sobre o fundamento dos Apóstolos e Profetas, a pedra angular é o próprio Cristo' (*Ef 2, 20*). Também a teologia deve pressupor a fé. Pode ela ilustrá-la e fomentá-la, mas não a pode gerar. Também a teologia tem como fundamento a fé dos Padres... O amor para com a Igreja concreta, que inclui também a fidelidade ao testemunho da fé e ao Magistério eclesiástico, não aparta o teólogo do seu trabalho e não tira a este nada da sua inalienável autonomia. Magistério e teologia têm cada qual o seu papel diferente. É por isto também que não se podem reduzir um ao outro. Todavia, servem ambos ao mesmo todo. É precisamente com esta estrutura que devem ficar sempre em diálogo" (*Discurso de João Paulo II aos Professores de Teologia, em Altötting*, 18 de Novembro de 1980).

Isto vale particularmente para os encargos da Comissão Teológica Internacional, que tão inteiramente comunica as solicitudes do Pastor supremo da Igreja, da Cúria Romana e também dos Bispos dispersos pelo mundo.

4. Soube também que vós, nesta sessão plenária, de novo examinais questões selectas de Cristologia. No primeiro encontro, a Comissão Teológica Internacional, prestando auxílio na apreciação das actuais discussões e na mais profunda inteligência da fé da Igreja, constituiu e espero continue a dar frutos deste trabalho, que sejam dignos dos estudos até agora levados a termo pela Comissão. Neste assunto, activamente fomento eu três desejos, que me apraz comunicar-vos muito brevemente.

A) Jesus Cristo é a imagem de Deus; n'Ele tudo foi criado no céu e na terra (cf. *2 Cor 4, 4; Col 1, 15*). Na face de Jesus Cristo brilha o esplendor de Deus Pai, invisível. Portanto Jesus Cristo é mais que profeta. Tem singular comunhão com o Pai. Só estamos remidos se Jesus Cristo pode comunicar na Sua pessoa a vida divina. Por isso cremos no Filho de Deus, "Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado e não criado, consubstancial ao Pai pelo qual tudo foi feito". Nesta profissão da fé consiste a medula da religião cristã.

B) Esta fé cristã depende do Novo Testamento e da tradição viva da Igreja, conforme se manifesta nos concílios ecuménicos dos primeiros séculos. A evocação este ano do Concílio Constantinopolitano Primeiro recordava que os verdadeiros cristãos se unem pelo vínculo da Sagrada Escritura e por esta "concordância cinco vezes secular", como se diz. A actividade teológica mais do que antes deve ajudar aquele património e o testemunho da Igreja primitiva. Não descureis esta energia espiritual nas discussões de hoje, principalmente nas ecuménicas.

Muitas declarações e numerosos actos, ao celebrar-se a sobredita, comemoração entre cristãos separados, fomentaram grande esperança de maior unidade.

C) A reflexão cristológica, por último, oferece a Deus trino louvor e agradecimentos pela Sua bondade infinita, mas encerra também significação antropológica. Refiro-me à notabilíssima e célebre frase na Constituição pastoral *Gaudium et spes* (Art. 22: AAS 58, 1966, p. 1042): "Cristo, novo Adão,... revela o homem a si mesmo e descobre a sua vocação sublime". Nas Cartas Encíclicas *Redemptor hominis* e *Dives in misericordia* procurei explicar este pensamento segundo as angústias e as expectativas dos homens. Neste campo encerram-se enormes tarefas para a teologia de hoje. Por isso alegrei-me ao ouvir que desejais no futuro tratar o argumento "Da dignidade da pessoa humana". Reparai na ligação íntima dos vossos estudos!

5. Transmito-vos agradecimentos pelo trabalho até agora executado, primeiramente sob a direcção do Eminentíssimo Cardeal Presidente Seper, e do Secretário-Geral, o Protonotário Apostólico Professor Philippe Delhaye, que juntamente com muitos outros de vós, suportam há mais de dez anos o peso do trabalho. Manifesto também francamente a minha gratidão ao vosso Secretário Técnico, Pierre Jarry, devido ao cuidadoso desempenho dos seus deveres. Para o terceiro quinquénio agora começado, desejo-vos da parte de Deus todas as venturas e felicidades. Abraçando-vos com sincera caridade, peço instantemente ao Senhor, por intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria, que vos esteja sempre presente com os dons do Espírito, vos fortifique e vos leve a mais alto conhecimento das suas riquezas. Confirme estes votos a Bênção Apostólica, que de todo o coração a vós todos concedo.

© Copyright 1981 Libreria Editrice Vaticana